

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura Infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

### **Histórias e Crianças: palavras simples?**

“As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples, porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas”. Palavras de algum crítico literário infantil? Não. Palavras de José Saramago em **A Maior Flor do Mundo**. Quem concordaria com tal afirmação? Professores, pais, escritores e críticos? Afinal, o texto que se destina à criança deve possuir uma linguagem simples? Será verdade que as crianças não gostam de palavras complicadas? Como crítico, o escritor ironicamente abre sua narrativa infantil desta maneira para o leitor, seja a criança ou o adulto, pensar sobre a questão.

Apesar de estarmos em pleno século XXI, ainda faz parte do senso comum acreditar que o texto literário infantil exige simplicidade a fim de atender as expectativas do leitor mirim. Entretanto, as palavras de Saramago vêm justamente nos alertar do contrário. Não é o que realmente pensa e faz o escritor. Há uma brincadeira com seus leitores, pois sua história é altamente elaborada, não existe simplicidade nem na linguagem, nem na forma da narrativa em Saramago. Não à toa que **A Maior Flor do Mundo** é uma excelente obra para discutir questões teórico-literárias como a importância do ato de narrar, por exemplo.

No entanto, Saramago elabora tais reflexões por meio da própria ficção. Há quem se interesse em elaborar, teórica e criticamente, pensamentos sobre a literatura infantil nos tempos atuais. É o que acontece com Peter Hunt, professor de Literatura Infantil na Universidade de Cardiff e considerado um dos críticos mais importantes da área. Seu livro de grande expressão **Crítica, Teoria e Literatura Infantil** foi publicado há exatamente 20 anos na Grã-Bretanha e agora chega ao nosso país, traduzido e adaptado. Por que o livro de Hunt é um convite aos interessados em literatura infantil? A publicação, ainda que tardia, dessa obra teórica vem em boa hora, já que contamos com uma grande carência no que se refere à crítica da literatura infantil. Existe uma vertente histórica da literatura infantil muito bem construída, porém a crítica especializada que visa à produção literária destinada ao leitor mirim e todas as suas especificidades caminha ainda sem fôlego.

Aqui no Brasil, a reflexão sobre o livro infantil ganha força pós-Lobato. O próprio autor coordena a *Revista do Brasil*, por volta de 1920, na qual escreve artigos, discutindo a produção recente de livros para crianças. Na França, de 1924 a 1946, há publicação intensa em torno da

questão com títulos como “*Les Problèmes de la Littérature de Jeunesse*”, *Les Livres*, *Les enfants et Les Hommes*”, mostrando que a criança já ganhava uma posição de destaque. Porém, toda essa produção não chega ao Brasil. Depois de Lobato, a partir de 1940, aproximadamente, inicia-se uma vasta publicação de livros sobre literatura infantil. Temos aí a expressão de Lourenço Filho **Como Aperfeiçoar a Literatura Infantil** (1943), de Cecília Meireles, **Problemas da Literatura Infantil** (1951), e Maria Antonieta Antunes Cunha **Como Ensinar Literatura Infantil** (1968). Todavia, é a partir dos anos 80, que temos o período mais fecundo da reflexão crítica sobre o livro infantil.

Por isso o livro de Hunt é bem-vindo. Entrar em contato com questões teórico-crítico-literárias visando ao receptor-criança é de fundamental importância para um início de século, num momento em que é visível o aumento da produção de literatura infantil, não só em âmbito nacional. Além disso, houve uma transformação da literatura infantil em seus conteúdos e formas, em especial do objeto livro considerando seu projeto gráfico. Então, se a produção, conteúdo e forma se ampliam, é importante a crítica acompanhar a evolução dessa produção, cada vez mais sofisticada quanto aos projetos gráficos.

O autor inicia o livro apresentando algumas justificativas. Segundo ele, os livros infantis sempre estiveram em grande parte nas mãos de bibliotecários e professores que pretendiam indicar os melhores livros às crianças. Como, então, avaliavam o livro infantil estes profissionais? A ideia de escrever o livro não surgiu exclusivamente para eles. Hunt espera, também, outros leitores, pessoas de modo geral interessadas em literatura infantil “que não desejam ou não precisam entrar em querelas acadêmicas”. Porém, afirma que seu livro tem um tom polêmico uma vez que enfrenta opiniões críticas e culturais enraizadas e que tenta convencer os que ocupam postos do poder crítico, até dentro das universidades, de algo que considera óbvio: a literatura infantil é parte da cultura e não pode ser ignorada. Assim, Hunt prefere não citar teóricos renomados - embora o faça várias vezes, dizendo que as personalidades não são importantes, somente as ideias.

Em *Mapa da Crítica*, introdução do livro, Hunt distingue dois processos: uma crítica prática que trata o texto sem seu contexto e a ideia de cânone que criou uma hierarquia literária. Ele percebeu que a crítica prática era bastante forte, pois muitos que lidavam com o livro infantil nada sabiam sobre sistema de valores literários, assim não conseguiam compreender o sentido da obra. Já que a ficção e a poesia fazem parte do sistema educacional, era urgente a necessidade de critérios de avaliação dos livros infantis. Diante da polêmica, Hunt mantém um certo cuidado no emprego dos termos técnicos e especializados para não tornar o texto distante dos leitores “leigos” e insiste em duas questões que serão perseguidas: como se forma o sentido? Como se dá o encontro com um texto?

Nem de longe, é de intenção do autor a proposta de analisar livros por meio de separação de enredo, personagem, espaço, estilo, tema e afins. Intenta discutir principalmente a relação do leitor com o livro. Como é o livro e que impressão ele proporciona? Como se sente o leitor? Que habilidades o livro exige? Que habilidades o leitor deve possuir? Qual a circunstância da leitura? Enfim, é de seu interesse discutir a relação da criança com o livro a qual pode ser diferente da do adulto.

O próprio autor expõe que a abordagem de seu livro deixa de escanteio a vida ou a psicologia dos personagens e também aplicações práticas como o papel dos livros para crianças na socialização, a aquisição de habilidades de leitura e o modo como uma determinada obra pode ser ensinada. Por fim, afirma que seu livro trata exclusivamente de teoria e foi escrito para um público universitário, mas oferece “ferramentas” para que o leitor não especialista, comum, participe da discussão. Vejamos, então, algumas das ideias de Peter Hunt, elaboradas ao longo do livro.

Em *Crítica e Literatura Infantil*, Hunt inicia com uma afirmação intrigante: “Este livro usa a teoria e a crítica literária para ajudar os leitores a lidar com a literatura infantil e esta para ajudar os leitores a lidar com a teoria literária”. (p.27) E completa: “A literatura infantil é um campo que abarca quase todos os gêneros literários”. (p. 27) Para ele, a teoria literária possibilita diminuir os limites do que no passado se pensava adequado aos estudos literários na filosofia, psicologia, sociologia e política, uma vez que a literatura infantil é estudada com “proveito” por pedagogos, psicólogos, folcloristas, além da indústria cultural, artes gráficas, psicolinguística e sociolinguística. Desse modo, criam-se duas vertentes: para o acadêmico, a teoria literária contesta radicalmente as opiniões convencionais como sendo de pouco uso prático para a literatura infantil. Já para o leigo, a teoria pode parecer pretensiosa e irrelevante, “substitui uma sabedoria convencional”.

Todavia, ressalta o autor que a teoria é extremamente importante, quem estiver interessado em livros para crianças precisa reconsiderar os fundamentos do objeto livro infantil. É preciso uma visão da literatura infantil que se aproxime das demais literaturas, por isso a importância do papel do leitor. Logo, é fundamental uma aproximação entre o professor da academia e o professor de educação infantil que não podem mais se ignorar. A crítica da literatura infantil, por exemplo, é obrigada a aceitar, em seu seio, conceitos lógicos e complexos, como a não universalidade da percepção, algo que a crítica literária adulta ignora. Assim, se o principal é o leitor, o que acontece com o juízo de valor, com os cânones, com a cultura, com o bom gosto? Segundo Hunt, a literatura infantil precisa ser definida em termos de seus dois elementos: crianças e literatura uma vez que o conceito de bom é variável.

Consideramos um momento revelador nestas idéias de Hunt. Como pode a literatura infantil ajudar os leitores a lidar com a teoria literária? É intrigante a colocação do autor porque inverte o

foco da literatura infantil, se antes ela ensinava valores morais, agora ela ensina valores estéticos? É interessante perceber que a criança pode, hoje, aprender teoria literária por meio da própria literatura.

Entretanto, Hunt enfatiza a necessidade de seu livro ser teórico. Entendemos que sua preocupação se expressa no sentido de sua obra se diferenciar de uma linha histórica de pesquisa. Todavia, todos os seus conceitos fazem-nos pensar: existiria hoje uma teoria específica para a literatura infantil? Se a literatura infantil é uma vertente da literatura dita adulta, para a análise de textos infantis, usamos a mesma teoria, seja qual for a perspectiva. Porém, se pensarmos na literatura infantil como vem se apresentando há algum tempo, numa complexa relação entre palavra e ilustração, a teoria se amplia. Ou seja, só a teoria literária não dará conta de analisar o livro infantil como uma unidade. Não há como considerar somente o texto verbal, o projeto gráfico do livro ganhou tamanha dimensão que hoje é um elemento perturbador para os leitores e críticos. Assim, para alcançar os sentidos sofisticados do livro infantil, atualmente, é preciso estar munido de teorias de outras áreas como a semiótica, as artes plásticas bem como as visuais. É neste ponto que a literatura infantil ultrapassa os limites da própria literatura no que diz respeito a questões teóricas.

O segundo capítulo contextualiza brevemente uma *Situação da Literatura Infantil*, desde sua importância histórica social, literária e bibliográfica até os clássicos e best-sellers mundiais. Mostra o autor que há uma grande confusão na nomenclatura, pois tudo é literatura infantil, ou seja, negligencia-se a percepção do ponto de vista da singularidade do texto infantil, como linguagem em si mesma, uma vez que se supõe que a escrita destinada a criança deva ser necessariamente simples, o que leva o debate mais para o domínio do afeto do que para a teoria. Numa análise da adaptação do livro da escritora Beatrix Potter, **A História do Pedro Coelho**, Hunt, a fim de ilustrar seu pensamento, mostra como a linguagem foi simplificada e conclui que ao contrário do que se pode pensar, simplificar não ajuda e, sim, segrega a criança do livro infantil, uma vez que tamanha proteção não é necessária na literatura infantil. Nessa perspectiva, livros para crianças seriam o mesmo que Literatura Infantil?

No capítulo *Definição da Literatura Infantil*, o autor coloca uma importante questão que diz respeito à maneira como a literatura infantil é abordada, em relação à literatura adulta. Ao contrário do que normalmente se pensa, o autor vai construindo um caminho reflexivo que culmina na conclusão de que a leitura do livro infantil, pelo adulto, é mais difícil do que a leitura do livro adulto. Justifica que quando adultos leem livros para crianças precisam atentar para quatro sentidos. Primeiro, os adultos, em geral, lêem os livros para crianças como se fossem escritos para adultos, esquecendo-se de que o texto deve implicar um leitor; segundo, leem em nome de uma criança para recomendar ou censurar por alguma razão pessoal ou profissional, seguindo alguns critérios como

experiência pessoal, conveniência do conteúdo e complexidade linguística. O terceiro sentido é quando o adulto lê o texto infantil com pretensões de discuti-lo com outros adultos e, no quarto sentido, o leitor se rende ao livro nos termos do próprio livro, o que corresponderia à maior aproximação do modo como a criança lê, envolvendo, assim, uma aceitação do papel implícito.

Ressalta o autor que, em geral, é mais importante o valor que se atribui ao texto literário do que suas próprias características. O texto literário apresenta alguns aspectos linguísticos que têm uma função autossuficiente que não precisa de um contexto de interação humana imediata para ser compreendida, não existem marcadores de diálogo explícitos. Então, por que se supõe que haja um “registro” adequado para as crianças? Palavras e estruturas simplificadas geram a perda da literariedade. Neste momento, o autor toca num ponto central: a literatura não pode ser definida como útil por seus aspectos superficiais, é preciso extrair sensações ou reações do leitor, é preciso formar as opiniões da criança. Lamenta o autor que é comum pressupor que a apreciação estética não seja algo disponível à criança. O texto deve ser usado, então, de modo estético e não prático. Se escrever versos não é garantia de escrever poesia, o mesmo acontece com linguagem literária, segundo o autor, o senso comum que se tem de linguagem literária é de uma linguagem “desviante e inacessível”, e não o conceito de que é diferente no sentido de que “o discurso ao qual ela pertence é exclusivo”.

Conclui o autor que a literatura é um termo-valor, pois define-se em termos de seu público, então é necessário pensar na criança. Na atualidade, infância não é um conceito estável, assim a literatura definida por ela também não o é. O olhar pretensioso do adulto toma decisões sobre a infância como, por exemplo, as adaptações de texto. O leitor adulto não considera que a criança é bastante flexível em suas percepções de texto e como a brincadeira é um elemento natural de seu perfil, verão na linguagem literária uma área de grande exploração lúdica, porém sem preocupação estética. O essencial, segundo o autor, é ver a criança como “leitor em desenvolvimento”, por conseguinte o autor parte da definição de que literatura infantil implica em perceber se o texto foi expressamente escrito para crianças reconhecidas como crianças, com uma infância legitimada nos tempos atuais, séculos XX e XXI. Hunt afirma que o livro pode ser definido em termos de leitor implícito, isto é, o livro precisa pretender a criança, então o que define o valor da obra depende das circunstâncias de seu uso.

Neste momento refletimos o quanto Hunt é ponderado ao abordar sobre as circunstâncias de uso do livro infantil. Sabemos o quão difícil é assumir a real relevância de uma obra infantil que pode ser até apresentável quanto ao projeto gráfico, mas fechada e tênue para as questões da arte. Segundo o autor, tudo é uma questão de uso, ou seja, serve para outros fins, mas não para a educação literária. Sua pergunta faz-nos pensar: para quais fins? Fins conscientes ou fins

equivocados? Neste caso, revela-se muito interessante a distinção do autor entre livros para crianças e literatura infantil. É realmente uma imensa confusão, ou seja, todos os livros que se referem à criança entram na categoria do literário, porém a grande maioria de forma injusta.

Nos capítulos *Abordagem do Texto* e *O texto e o Leitor*, Hunt aponta que o sentido é produzido a partir da relação leitor e obra, pois em linguagem literária o leitor precisa fazer uma parte do trabalho que é evocar a imagem e com isso entender o sentido do texto. Assim, é preciso verificar, ou melhor, aprender como o texto codifica o sentido e, então, perceber de quais ferramentas dispomos para decodificá-los. Uma maneira de identificar sentido, ou melhor, codificá-lo é considerar a intertextualidade. Como uma criança produz sentido? São necessárias duas habilidades: compreender o significado da língua e as “regras do jogo”, ou seja, como o texto funciona. Segundo Hunt, é possível produzir significado de várias maneiras como por mecânica (compreensão da gramática), denotação e conotação, alusões a outros textos, literários ou culturais e o mais importante, segundo o autor, alusões a como os textos funcionam. É mais importante observar significados do que supor o que devemos entender dele. A experiência com o texto literário engloba dois conjuntos de códigos: os da vida e os do texto. Assim, o autor destaca, especialmente, os *text-codes*, códigos-texto e afirma que como o público implícito em literatura infantil é um público em desenvolvimento - a criança, será de fundamental importância a integração entre códigos de texto e de gênero.

Um trocadilho se faz presente na reflexão do autor. Supõe-se que o leitor não possua habilidades de código equivalentes às do escritor, então os textos para crianças são “supercodificados”, mas num sentido ingrato, pois o adulto codifica o texto por controle narrativo ou resumos. Os códigos a que o autor se refere são de outra natureza, tem a ver com a ideia de peritexto, isto é, o material escrito e ilustrado que rodeia a história como o logo da editora, as fontes, o leiaute, margens, ilustrações. A criança precisa decodificar todos estes elementos.

Hunt lembra as palavras de Barthes, afirmando que o texto para criança deve ser mais legível que escrevível, ou seja, o contrário do que muitas pessoas pensam. O autor explica: o texto legível é um texto fechado no qual o leitor experiente lê alguém de sua capacidade, é um texto que limita as possibilidades de interpretação do leitor e orienta o entendimento do livro. Já o escrevível é um texto aberto a contribuições do leitor. E é com este último sentido que se deve voltar o olhar para o livro infantil. Caso contrário, qual a utilidade do livro, senão prática de leitura ou mera distração? Faz-se necessário, então, investigar o modo como funcionam os textos e quais são as regras compartilhadas, entender os significados potenciais estruturados, os complexos sistemas de códigos linguísticos e semânticos.

Frente a estas características, o autor propõe uma indagação: como um leitor em desenvolvimento, a criança, compreende e decodifica os códigos? Ou, como são produzidos os significados? Segundo ele, a resposta refere-se ao modo de construção do texto, ou seja, pelo acúmulo de tipos de significados interligados, de denotação ou conotação, significados intertextual e intratextual. Quanto mais complexas as camadas de significados, mais difícil será para o leitor produzir um significado próximo ao que o escritor quis dizer. E por último uma ideia central de Hunt: as crianças não produzem os mesmos significados que os adultos, pois são verdadeiras desconstrutoras de texto, elas estão prontas para ler “contra” os textos, para usá-los de modo extravagante, livres de restrições de entendimentos. Salienta o autor que “Do ponto de vista da criança leitora, todo ato de leitura que reinterprete um texto em termos de um universo de discurso que a criança conheça será um ato de desconstrução, ou um jogo com as palavras”. (p.149)

Em *Estilo e Estilística*, as palavras de Iser “o trabalho literário mais eficaz é aquele que obriga o leitor a uma nova consciência crítica de seus códigos e expectativas habituais” (p.153) são um belo estímulo para Hunt pensar sobre o estilo do texto e qual o papel que desempenha no processo de comunicação. Se ler é uma interação, vemos os textos tanto em relação a seus códigos como os códigos que trazemos a ele. Então, o leitor preenche os vazios no texto e reduz suas incertezas. Porém, o autor questiona: se as crianças não possuem um sistema completo e sofisticado de códigos uma vez que estão em desenvolvimento, têm condições de entrar em contato com livros que estabelecem complexas relações de códigos? Se a resposta a esta pergunta for negativa, segundo o autor, revela-se uma visão equivocada sobre as crianças que nasceu de uma crítica prática com base em fundamentos como a ênfase no uso da literatura infantil com foco na análise temática e no elemento afetivo. Logo, nasce a ideia de “registro”, uma linguagem supostamente adequada à criança que abarca uma mistura de clichê, a língua falada marcadamente e a simplificação do vocabulário. Infelizmente, com este registro, o texto infantil tem sido visto como inocente.

No capítulo dedicado à *Narrativa*, Hunt afirma que existe certa tendência em favorecer um enredo de resolução quando, na verdade, seria mais pertinente privilegiar um enredo de revelação, pois o que é mais significativo é o *modo* como a história é construída e não *do que* ela se trata. Mais significativo, por exemplo, é um final ambíguo do que resolvido. Eis aqui, também, uma crítica do autor quanto à teoria da narrativa, que segundo ele sempre supõe a habilidade de leitores adultos e não do leitor infantil.

A literatura infantil é uma ocupação inocente? Quem é o responsável pelo que se introduz nos livros para crianças? Estas são as perguntas do autor que nortearão a discussão de *Política, Ideologia e Literatura Infantil*. Geralmente, pressupõe-se que os livros para crianças são fáceis,

assim os responsáveis pela escolha do livro baseiam-se na crença de um poder de superfície do texto e na certeza da similaridade entre as percepções de crianças e adultos. Hunt lembra que as crianças não têm poder de escolha e se o tem, já são escolhas moldadas pela ideologia de seus mentores. Os adultos se esquecem de que os livros para crianças, como ampliadores de mentes, devem ser vistos em termos do mundo que os cria e do mundo que os circunda. Sugerem alguns profissionais que as crianças têm uma cultura diversa em relação ao adulto, pois fazem associações diferentes, então não haveria motivos para ocultar parte de ideologias presentes nos livros para crianças, pois assim se tornariam seres “antissociais”. Por fim, Hunt coloca que é preciso ver a literatura como uma questão de significante e não de significado e, conseqüentemente, romper o poder ideológico que tenta usar o livro como uma arma social.

A discussão do capítulo sobre a *Produção de Literatura Infantil* inicia-se com um questionamento: qual a relação entre autor, editor e criança no ambiente editorial contemporâneo? Segundo o autor, o processo real de produção e transmissão do livro para crianças é altamente complexo a começar pelos autores. Estes são influenciados pela própria infância e então partirão de uma ideia sobre o tipo de livro que desejam escrever, mas não sobre o livro em si mesmo. Depois, há um interesse das editoras em determinados temas e estilo de texto. Ou seja, o autor afirma que se cria uma ideia de censura, pois o livro quando chega às mãos da criança passou por tantos olhares, muitas vezes, castradores que tolhem a percepção mais refinada da criança quanto a sua realidade e quanto à vida. Diz o autor “se quisermos influenciar os outros, deve ser pela educação e com consentimento. O livro, e em especial, o livro para criança, não pode ser usado como arma”. (p. 228)

Os livros ilustrados recebem, também, atenção de Peter Hunt que os diferencia do livro com ilustração. O livro-ilustrado altera o modo de leitura do texto verbal, tornando-se mais complexo. No capítulo *A Crítica e o Livro-Ilustrado*, Hunt expõe que ainda há quem desvalorize tal tipo de livro por considerar que as metáforas são expressas pelos elementos visuais e não pelos verbais. Então, afirma o autor que é necessário uma linguagem crítica para esta área, pois os livros-ilustrados assumem algumas características peculiares: exploram relações complexas, as palavras podem interpretar as imagens ou vice-versa, cruzam os limites entre os mundos verbal e pré-verbal, desenvolvem a diferença entre ler palavras e ler imagens, “não são limitados por sequência linear, mas podem orquestrar o movimento dos olhos”, ou seja, lidam com dois argumentos, o visual e o verbal. Possuem, assim, um grande potencial semiótico e semântico. Conseqüentemente, Hunt ressalta o importante papel do ilustrador, uma vez que toda ilustração é uma interpretação. Com o livro-ilustrado, adultos e crianças encontram-se em seu ponto de maior proximidade. O que



determina a qualidade de um livro-ilustrado? Existe algum modo de lê-lo que nos permita fazer esse juízo de valor?

Apesar do destaque ao livro ilustrado, percebemos certa instabilidade quanto ao valor do deste tipo de livro e sua relação com a crítica. Hunt reconhece o valor do livro-ilustrado definindo-o assim justamente por suas relações complexas com a palavra, e apesar de analisar um excelente exemplo desta relação - o livro **Onde Vivem os Monstros**, de Maurice Sendak -, o autor não demonstra uma visão inflamada para com este novo tipo de literatura que surge já no final do século XX e vem adquirindo novas qualidades nos últimos tempos. Neste ponto, refletimos numa questão espacial. Embora demonstre o autor uma visão ampla da literatura infantil no sentido de conhecer a de outros países, é possível que ainda tenha como foco um olhar anglocêntrico.

No Brasil, certamente, a relação palavra-imagem é a qualidade maior da literatura infantil nos tempos atuais, não atribuímos nenhuma classificação de livro-ilustrado, livro de imagem ou livro com ilustração, mas reconhecemos fundamentalmente uma expressão estética que a relação altamente semiótico-literária assume nestes livros. Assim, lembramos que a literatura infantil brasileira vem adquirindo desde o final do século XX qualidades significativas e atinge um status altamente complexo, isto é, polifônica, com um emaranhado de códigos que assumem uma coerência enriquecedora. A literatura infantil brasileira vem exigindo leitores altamente competentes. Será assim com a literatura infantil britânica? Se for, sentimos falta de um espaço maior a estas reflexões. Mesmo citando a questão do Peritexto, Hunt não reconhece uma força expressiva dele para um efeito literário.

Ao falar em crítica, no capítulo *Crítica para a Literatura Infantil*, diz Hunt que é necessário reconhecer, nos tempos atuais, uma crítica “criancista”, isto é, uma crítica que envolve uma releitura de textos do ponto de vista da criança, um convite a adultos para lerem como crianças. E o que significa ler como uma criança? Trata-se de uma crítica que se baseia na prática, em possibilidades e probabilidades, não na ausência de dados empíricos, mas diante da imensa dificuldade de lidar com esses dados. Um bom modo de praticar a crítica criancista pode ser via livro-ilustrado e a poesia para criança. Tal crítica configura um novo estilo, um estilo que vem dos livros infantis, que reflete sua singularidade, em suma um modelo de crítica baseado em: cooperação, síntese, leituras individuais e igualdade

Nos momentos finais, Hunt considera que *A Literatura Infantil e as Novas Mídias* não contribuem positivamente com a literatura infantil, o texto de hipermídia abarca a narrativa, mas demanda um tipo diferente de percepção e concentração. E *Redefinindo a Literatura Infantil*, Hunt relembra, para concluir, que um ponto de partida fundamental para estudar literatura infantil é o termo em si mesmo, muito diferente de textos para crianças.

Sobre essa última colocação, Hunt encontra adeptos. Há outros críticos que apontam esta relação da literatura com a própria literatura<sup>1</sup>. E, então, refletimos: qual a imensa contribuição da questão teórica vista por esse viés? Ora, uma vez que a literatura infantil tem um fim em si mesma e prescreve questões da própria literatura, ela vai, gradativamente, educar o olhar do leitor mirim para um tipo de leitura que beira o sensível, que revela o estético. Vemos que a criança aprende e apreende o estético pelo estético adquirindo uma competência leitora de literatura que a acompanhará pela vida inteira.

No sentido de apreender o estético, será mesmo que a literatura infantil, como aponta Hunt, precisa pretender a criança? Ou melhor, somente a criança? O texto literário infantil é antes de tudo literário, mas por ter algumas características especiais como a relação com outros códigos eleva-o a condição de infantil uma vez que apresenta uma relação de comunhão com dois códigos: o verbal e o visual. Então, o livro pode se dirigir *a priori* à criança, mas é tão empolgante para qualquer outro leitor, o juvenil ou o adulto, ampliando assim a visão de leitor implícito colocada por Hunt. Ou seja, mais um fator de destaque para a literatura infantil, um tratamento um tanto irônico que visa a um leitor implícito, mas abarca outros involuntariamente.

A partir de reflexões relevantes, vemos que o livro de Peter Hunt contribui fundamentalmente para os estudos da Literatura Infantil. Possui uma linguagem bastante compreensível, que torna o livro de fácil acesso a qualquer um que esteja interessado em aprofundar sua visão nesta área. Aliás, esta é a intenção do autor, ele escreve o livro para os universitários e para “leigos”. Sua obra é praticamente um convite para aproximar estas duas classes. Esta ideia torna-se clara quando diz que o professor de educação infantil e o acadêmico devem compartilhar das mesmas teorias. Eis o cerne da questão de Hunt. Seu livro intenta discutir a literatura infantil sob um ótica teórica e não por uma perspectiva história, cultural ou até afetiva, ele se preocupa em definir o objeto livro, o conceito de leitor e principalmente o conceito da literatura infantil. Neste ponto, o autor merece um destaque, pois define a literatura infantil como uma questão de linguagem, de arte, de literatura, no sentido de literariedade. Visar à literatura infantil como um fim em si mesma (ou *sígnica*) é o que todos os estudiosos e críticos hoje intencionam e Hunt relembra este importante olhar para o texto infantil.

Outro mérito do escritor é perceber a criança como um leitor em desenvolvimento, ou seja, antes de tudo um leitor e não um mero receptor, mas sim, um leitor com competências e habilidades inatas que precisam ser desenvolvidas e, por que não, via literatura, estética e sensivelmente? A

---

<sup>1</sup> Ressaltamos aqui o livro **Literatura Infantil: Voz de criança**, das autoras Maria José Palo e Maria Rosa Duarte de Oliveira (1986) que também afirmam, por meio de reflexões sobre a natureza da literatura infantil, que “a linguagem informa, antes de tudo, sobre si mesma”.

idéia de criança desconstrutora é intrigante. E aqui, vemos o termo, também, de forma ampla. A criança passa pelo processo de desconstrução do texto literário na medida em que, metonimicamente, ela junta as partes até formar o sentido global do texto. Mas também, a criança é bastante desconstrutora no que diz respeito à percepção de mundo. Ela tem menos experiência social o que a torna desapegada de algumas convenções sociais, e conseqüentemente mais livre para o imaginário, ponto chave para um leitor de literatura. A criança desconstrói o real e constrói despropósitos, usando o termo do poeta Manoel de Barros que de maneira sensível mostra como é importante exercitar o ser criança no livro **Exercícios de Ser Criança**.

Em meio a uma carente publicação de crítica literária infantil, Hunt adquire valor na medida em que aponta e relembra reflexões pertinentes para o aprofundamento da literatura infantil. Sua obra instiga inclusive críticos literários acadêmicos que, há tempos, pensam como Hunt, mas ainda não se encorajaram a uma publicação efetiva de crítica infantil. Há sensíveis publicações isoladas, mas falta uma conjugação de esforços de modo crítico que acompanhe a intensa produção literária infantil de qualidade. Recebamos, então, as palavras de Peter Hunt que podem estimular uma corrente crítica literária infantil para o século XXI.

**Ana Paula da Costa Carvalho de Jesus**  
**Mestre (PUC-SP)**